

A ideologia e a prática da contestação vistas através de eventos recentes na França

Richard Gombin

Extraído da coleção Anarchism Today, ed. David E. Apter e James Joll, Macmillan, 1971, que foi publicada pela primeira vez como uma edição especial da revista Government and Opposition. David E. Apter e James Joll, Macmillan, 1971, que foi publicada pela primeira vez como uma edição especial da revista Government and Opposition. Extraído pela libcom de Class against Class

Fonte:

<https://libcom.org/library/ideology-practice-contestation-seen-through-recent-events-france-richard-gombin>

Richard Gombin escreve sobre a luta de classes e o movimento libertário na França após 1968.

As novas formas de conflito social na França e as ideologias subjacentes a elas colocam algumas questões formidáveis para o historiador e o sociólogo do movimento dos trabalhadores. Aquelas que nos interessam particularmente tratam, por um lado, da existência de ideias e conceitos anarquistas na soma total das declarações ideológicas de maio e junho de 1968 e, por outro, do "caráter libertário" dos métodos de contestação que surgiram na França nos últimos anos. Limitei-me deliberadamente à noção ampla de "prática de contestação" precisamente porque ela vai além do fenômeno da greve selvagem ou da agitação nas universidades e corresponde a um conceito mais geral que ainda não foi monopolizado por nenhuma teoria. A "contestação generalizada" não pretende ser uma categoria sociológica definitiva. Pelo contrário, é uma palavra provisória que tomará uma forma mais definida quando sairmos do claro-escuro da crítica impressionista e da reflexão filosófica.

Responder à pergunta: que papel a teoria e as práticas anarquistas desempenham na contestação generalizada na França contemporânea não significa que vamos deixar as areias movediças da conjectura para o terreno sólido das verdades científicas. Apenas

uma resposta provisória pode ser apresentada até o momento, e ela não pode fazer mais do que introduzir uma série de outras questões que tentam situar, a longo prazo, o fenômeno da revolta contemporânea. Em outras palavras, há necessidade de uma pesquisa contínua se quisermos descobrir se a cadeia de eventos que ocorreu na França marca o fim de uma época de luta social ou, ao contrário, se ela inaugurou e anunciou uma nova era. No primeiro caso, o que chamamos de "contestação generalizada" provaria ter sido apenas a última chama de uma brasa moribunda, a última ocasião em que a oposição poderia se permitir o luxo de uma greve selvagem, de desorganizar as universidades, de uma grande crise política, antes que a racionalidade, o planejamento, em suma, a programação efetiva da sociedade francesa (como de todos os países tecnologicamente avançados) pusesse fim à cacofonia, "fora de lugar" na segunda metade do século XX. A segunda hipótese vê nos eventos não o chocalho da morte de um moribundo, mas o choro de um bebê recém-nascido. Nesse caso, o que aconteceu foi um marco definitivo em uma fase de conflito que foi mantida em um círculo vicioso. Durante essa fase, as tentativas de emancipação do capitalismo burocrático foram gastas em uma luta reformista fútil em nome de um socialismo igualmente burocrático e totalitário, que oferecia aos trabalhadores simplesmente uma escolha entre capitalismo privado ou estatal. Nesse último caso, a extensão e as características da luta social contemporânea marcaram o rompimento de um elo nesse círculo vicioso, a abertura de uma brecha através da qual a energia revolucionária poderia se derramar no futuro.

Não é preciso dizer que, naturalmente, não tentarei decidir entre essas duas alternativas. Mas, ao tentar delimitar o problema da tendência libertária na revolta de maio de 1968, surgirão algumas respostas preliminares que não me sinto autorizado a elaborar neste estudo. Tentarei, em primeiro lugar, descrever essa tendência no nível de sua expressão ideológica e, em seguida, no nível dos conflitos sociais, econômicos e universitários.

O AMÁLGAMA

É comum falar de anarquismo ao descrever os eventos que abalaram a França por quase duas semanas em 1968¹. Mas é preciso especificar a que tipo de anarquismo nos referimos e que forma ele assumiu. Toda agitação social, desde a greve bem-humorada até a insurreição revolucionária, traz em seu rastro um conjunto de ações e atitudes

¹ Anarquistas genuínos como Daniel Guérin ('Mai, une continuité, un renouveau' in *he fait public*, 6, maio de 1969) ou historiadores do anarquismo como Jean Maitron ('Anarchisme' in *Le mouvement social*, 69, outubro-dezembro de 1969) enfatizaram a inspiração libertária dos 'eventos'.

libertárias, pois toda agitação é sentida pela multidão como um momento extraordinário, uma ruptura repentina e bem-vinda na rotina diária: um horário rígido é substituído por lazer e tudo se torna brincadeira. Mas, em geral, esse relaxamento coletivo, essa catarse social, está contida dentro de limites precisos e é apenas um aspecto secundário do processo revolucionário.

Dito isso, é preciso enfatizar que, durante os eventos de maio-junho de 1968, esse aspecto específico ultrapassou o estágio de contingência.

Na realidade, o principal fator do imenso drama psicológico foi a *descompressão coletiva*. Todas as facetas da vida cotidiana foram atacadas, contestadas e desestruturadas. O aspecto político que, em uma revolução do tipo "clássico", domina e ofusca todos os outros, estava presente apenas em segundo plano, nos corredores em que se moviam os atores habituais da oposição parlamentar². Provavelmente, aqui estava a originalidade do movimento, em relação ao que era novo quando comparado à ortodoxia revolucionária. Na ausência de uma liderança revolucionária única, de uma estrutura ideológica predominante, as ideias fluíam livremente e todos participavam do debate. Como em todos os eventos que não atingiram o objetivo, o de 1968 foi rico em ideias, possibilidades e planos.

No entanto, entre os temas políticos que tiveram alguma coerência e impacto, três grupos podem ser destacados: de um lado, os programas e as táticas dos órgãos clássicos da esquerda (FGDS, PCF, CGT, PSU etc.); de outro, as ideologias de pequenos grupos descendentes do marxismo-leninismo (trotskistas, maoístas, comunistas dissidentes); e, por fim, as ideias apresentadas pelos grupos antiautoritários (essencialmente o Movimento 22 de Março e a Internacional Situacionista).

Mas esses grupos estavam longe de ter o monopólio de todas as ideias contestatórias correntes na época; nove décimos das ideias expressas foram apresentadas por pessoas que não pertenciam a nenhuma organização; pelas multidões anônimas que foram os verdadeiros protagonistas da revolta de maio. Mas também é verdade dizer que as ideologias dos grupos antiautoritários continham, de forma concentrada e diretamente política, a maior parte das imagens e clichês, memórias e arquétipos encontrados em maio-junho de 1968.

² A ausência quase completa do aspecto político antes do final de maio foi notada, mas menos do que se poderia esperar, visto o quão óbvio era. Veja, por exemplo, Simmonds, Harvey G.: 'The French Socialist Opposition' em *Government and Opposition*, Vol. 4, No. 3, p. 306.

Aqui chegamos à segunda pergunta: que tipo de anarquismo era esse, a que tipo ideal de pensamento libertário devemos nos referir quando falamos de influências ou afiliações? De início, é possível situar o problema afirmando que o anarquismo como um movimento organizado não desempenhou nenhum papel no desenvolvimento dos eventos³ ; os grupos anarquistas no verdadeiro sentido desempenharam um papel insignificante na disseminação de sua doutrina ou na sucessão de greves. Pode-se até ir mais longe e dizer que a doutrina do anarquismo dormia na França contemporânea, respeitada e apoiada apenas por alguns escritores e jornalistas idosos. Em outras palavras, o movimento anarquista francês forneceu muito pouco da força motriz dos eventos como organização (ao contrário da FAI e da CNT na Guerra Civil Espanhola) nem foi uma fonte direta de inspiração (como foram os anarquistas russos em relação à Makhnovshchina).

No entanto, alguns autores tentaram discernir nos antecedentes históricos do anarquismo e do anarco-sindicalismo pré-1914 uma paternidade que se tornou ainda mais óbvia para eles, pois veem a revolta de maio como a repetição de um arquétipo histórico, o próprio modelo de ação dos trabalhadores, cujos avatares se estenderam por toda a história do movimento operário francês⁴ . Esses autores estão certos ao conectar fenômenos contemporâneos com a tradição dos trabalhadores, peculiar à França. É preciso lembrar que o proletariado francês, mesmo sua vanguarda, não foi influenciado pelo socialismo marxista até bem tarde; que Proudhon deixou uma marca indelével em uma classe trabalhadora que ainda estava no limiar da era industrial; e, finalmente, que o desejo de igualdade e a tradição da democracia direta já estavam presentes entre os *sans-culottes*⁵ .

³ Um dos membros mais conhecidos da Federação Anarquista expressou isso da seguinte forma: "Não tivemos nenhuma influência sobre os eventos que não havíamos previsto". Maurice Joyeux, em uma entrevista no *Le fait public*, 14 de janeiro de 1970, p. 40.

⁴ Cf. por exemplo, Jacques Julliard "Syndicalisme révolutionnaire et révolution étudiante", *Esprit*, 6-7, junho-julho de 1968, que acredita que os estudantes reviveram a corrente subterrânea do movimento dos trabalhadores que parecia ter morrido em 1914. Ele também observou os temas anarquistas compartilhados pelos sindicalistas revolucionários e pelos estudantes em 1968. Da mesma forma, G. Adam perguntou em "Mai ou les leçons de l'histoire ouvrière", *France-Forum*, 90-91, outubro-novembro de 1968, se os slogans de maio não representavam a expressão do sonho moderno da emancipação total do sindicalismo revolucionário.

⁵ Como M. Rebérioux apontou ("Tout ça n'empêche pas, Nicholas, que la Commune n'est pas morte") em *Politique aujourd'hui*, No. 5, maio de 1969. A influência de Proudhon no sindicalismo revolucionário é estudada por A. Kriegl: "Le syndicalisme révolutionnaire et Proudhon" em *L'actualité de Proudhon*, Bruxelas, publicado pelo Instituto de Sociologia Livre de Bruxelas, 1967. A chegada tardia do marxismo na França foi recentemente enfatizada por M. Dommanget, *L'introduction du marxisme en France*, Paris, 1967. A vida seccional da *sansculotterie* em Paris é analisada por A. Soboul, *Les sans-culottes*, Paris, Seuil, 1968.

Mas se essa ancestralidade for enfatizada demais, se confiarmos demais no historicismo, há o risco de que, entre a rica safra dos eventos de maio, possamos escolher apenas os elementos que podem ser vinculados ao passado da nação. Há também o risco de que outros elementos, que são ainda mais interessantes por serem bastante novos e originais, sejam ignorados em silêncio⁶. Portanto, seria metodologicamente errado considerar o anarquismo como um fenômeno histórico preciso ou mesmo como uma massa homogênea de ideias e ações: toda a tradição mutualista e federalista de Proudhon estava ausente em maio de 1968, assim como sua ênfase na propriedade privada e nos valores morais permanentes, sem mencionar a "reapropriação" da propriedade privada e a tradição individualista de Stirner.

Se, por outro lado, aceitarmos que o anarquismo é uma vasta massa heterogênea e em movimento, um magma de ideias e aspirações sociais, acima de tudo, uma tradição de oposição implacável ao autoritarismo partidário, à onipotência do Estado, então podemos descobrir alguns desses elementos no movimento atual, mas mediados por vários estágios. Pois é toda a lição da experiência revolucionária do século XX que foi aprendida; o anarquismo puro só pode reivindicar uma parte dela, possivelmente menor. Portanto, é difícil extrair desse rico e composto filão o ouro puro da Anarquia. Ao estudar alguns dos temas básicos apresentados pelos grupos antiautoritários, descobriremos em que ponto as ideias anarquistas são o núcleo em torno do qual gravitam doutrinas contraditórias como o luxemburguismo, o socialismo dos conselhos de trabalhadores, o surrealismo, o situacionismo, etc.

Entre os temas mais gerais compartilhados pelos grupos antiautoritários, encontramos, em primeiro lugar, a mesma crítica radical ao bolchevismo, tanto leninista quanto stalinista⁷. Há críticas à própria natureza da revolução de outubro, uma revolução política acima de tudo, provocada por uma pequena minoria de militantes profissionais que impuseram suas próprias táticas e objetivos às massas. Aqui há, é claro, ecos do duelo entre Bakunin e Marx, do ataque dos coletivistas do Jura a qualquer tomada de controle político do processo revolucionário, a qualquer apoio do Estado, mesmo na forma provisória da ditadura do proletariado. Mas a análise da burocracia moderna feita pelos contestadores de maio não esconde sua origem trotskista. Eles adotaram o ponto de vista de que a revolução havia sido "tomada" pelo aparato, que havia substituído a

⁶ Algumas das inscrições podem ser encontradas em *Les murs ont la parole*, Paris, Tchou, 1968.

⁷ Para um estudo mais detalhado dos temas dos pequenos grupos, consulte meu *Le projet révolutionnaire: éléments d'une sociologie des événements de mai-juin 1968*, Paris, Haia, Mouton, 1969, que também contém referências aos documentos originais que, portanto, não reproduzirei aqui.

classe trabalhadora não apenas na União Soviética, mas na China e em Cuba⁸. O resultado final dessa crítica levou os "espontaneístas" a algumas conclusões extremamente pouco ortodoxas: que a revolução bolchevique foi uma contrarrevolução e que o socialismo russo é, na realidade, capitalismo de estado. Isso permitiu que eles criticassem em bloco tanto o Oriente quanto o Ocidente, onde os diversos regimes sociopolíticos são vistos como muitas variedades da mesma espécie: o capitalismo burocrático. Os situacionistas, em particular, aprimoraram essa crítica global e multifacetada. Eles levaram ao extremo a análise teórica da sociedade moderna e sua *crítica da vida cotidiana* é muito mais profunda do que a *contestação global* do Movimento 22 de Março, que é principalmente um conceito tático que permite que as minorias ativistas ataquem com palavras e ações as inúmeras "formas de repressão" da sociedade burguesa.

Para os situacionistas, o sistema burocrático da sociedade industrial aumentou consideravelmente a soma total da exploração e da repressão do homem em comparação com o capitalismo competitivo e o estado liberal do século XIX. O tremendo desenvolvimento da ciência e da tecnologia fez com que o indivíduo fosse completamente dominado pelo sistema; o indivíduo não é mais do que uma mercadoria, um objeto reificado, colocado em exposição e manipulado pelos especialistas em repressão cultural: artistas, psiquiatras, psicólogos, psicanalistas, sociólogos e "especialistas" de todos os tipos⁹. Para lutar contra uma sociedade "espetacular", na qual tudo é tratado como mercadoria e na qual a energia criativa se gasta na fabricação de pseudo-necessidades, é preciso atacar em todas as frentes simultaneamente; não apenas nas frentes econômica e social, mas também (e acima de tudo) na cultural: os ataques virulentos aos professores, ao sistema de educação e à administração universitária em Nanterre, em 1967-68, surgiram dessa forma de pensar. Os grupos de revoltados em Nanterre, Estrasburgo, Nantes e Bordeaux foram inspirados pela análise situacionista e estavam determinados a "organizar o caos" no campus. O que deve ser notado, entretanto, no "sistema" situacionista é o papel desempenhado pelos temas surrealistas. Se é verdade que a negação de toda autoridade, de toda hierarquia é um

⁸ Uma análise que foi aperfeiçoada e levada à sua conclusão lógica por I. Deutscher em *The Unfinished Revolution*, Londres, 1967.

⁹ A essência das ideias situacionistas pode ser encontrada em Debord, G., *La société du spectacle*, Paris, Buchet-Chastel, 1967; Vaneigé, R., *Traite de savoir-vivre à l'usage des jeunes générations*, Paris, Gallimard, 1967, e nos doze números da *L'Internationale situationniste*, especialmente nos últimos cinco números.

antigo preceito anarquista¹⁰, o aguçamento da crítica da cultura e da arte, o desejo de *mudar a vida* e, ao mesmo tempo, transformar o mundo é, sem dúvida, surrealista, se não dadaísta¹¹. Isso não é surpreendente quando se percebe que a Internacional Situacionista estava em seu início na confluência do surrealismo, do lettrismo, do anarquismo e da ideologia dos conselhos de trabalhadores¹². Esse é um legado pesado para os situacionistas carregarem; sua forma de expressão sofre com isso, um certo hermetismo obscurece um pensamento já muito concentrado. Mas a partir do momento em que a Internacional adotou a ideia revolucionária em sua totalidade, ou seja, quando foi além da crítica cultural apenas, todos esses elementos se uniram em torno da crítica ao sistema capitalista. A ideia fundamental remanescente de todas essas influências é que as mudanças nas relações de produção não são suficientes, por si só, para libertar completamente a humanidade. Para ser completamente emancipado, o indivíduo deve ser o criador de sua própria existência e deve se livrar dos grilhões que o impedem. Um desses grilhões é o trabalho. É claro que se trata do trabalho alienado e alienante das sociedades burocráticas, mas também se trata de toda atividade remunerada, estruturada e dirigida. Embora se possa encontrar em Kropotkin, por exemplo, a exaltação da "atividade livre", a ideia de que o trabalho é opressivo em si não é realmente anarquista. Em Proudhon, e também nos anarco-sindicalistas, encontra-se de fato a concepção do trabalho redentor que, redescobrando sua verdadeira natureza na oficina do artesão independente, adquire a dimensão de um valor moral¹³. Por outro lado, a inscrição que foi escrita nas paredes de Paris, "Nunca trabalhe", vem em uma linha direta dos slogans surrealistas da década de 1920¹⁴. Aqui se encontram afiliações de um tipo diferente que

¹⁰ Cf. especialmente as páginas proféticas de Bakunin sobre burocracia e "democracia oficial".

¹¹ Essa é a expressão de André Breton que ele parece ter tomado emprestado de Maurice Nadeau, Rimbaud, *Histoire du surréalisme*, Paris, Seuil, 1964, p. 160. A ideia de que a revolução cultural é inseparável da revolução política era fortemente defendida pelos dadaístas alemães, cf. o texto dadaísta: "What is dadaism and what does it mean for Germany" (que deve datar de 1919), traduzido para o francês por A. Guillermin, *Le luxembourgeois aujourd'hui*, Spartacus, s.d. (1970).

¹² O movimento situacionista surgiu a partir do movimento Internationale Lettriste e COBRA. Os primeiros números da *L'internationale situationniste* são dedicados à crítica de arte, especialmente à arquitetura e ao planejamento urbano moderno. Em 1959, um novo apelo dirigido aos intelectuais descartou a possibilidade de uma revolução proletária, acreditando apenas em uma revolução "cultural", realizada pelos intelectuais por meio do urbanismo unitário. Sobre as origens da Internationale Situationniste, cf. Brau, J. L., *Cours, camarade, le vieux monde est derrière toi!* Paris, Michel, A., 1968.

¹³ Além do texto de Annie Kriegel já citado, veja também esta frase de Monatte: "O sindicalismo (...) baseou seu conceito no trabalho, no respeito ao trabalho, na utilidade do trabalho, em sua emancipação e organização", citado por Dubief, H., *Le syndicalisme révolutionnaire*, Paris, Colin, 1969, p. 36. Para os situacionistas, ao contrário, "é o trabalho em si que deve ser atacado hoje (...) sua supressão é a condição primária para a superação efetiva da sociedade mercantil". *De la misère en milieu étudiant*, AFGES 1966, pp. 30-1 (primeira edição).

¹⁴ M. Nadeau, *op. cit.*, p. 62, nota de rodapé 31.

inspiram os situacionistas com a imagem de uma sociedade liberada como uma sociedade *lúdica* na qual o jogo substitui a atividade compulsória. Os situacionistas proclamam, nos escritos de Raoul Vaneigem, que somente a orientação para o jogo é uma garantia contra o trabalho alienante. Vaneigem prediz que a sociedade futura, a sociedade fundada no amor ao jogo livre, será caracterizada pela recusa em ser liderada, em fazer sacrifícios, em desempenhar um papel e pela liberdade de autoexpressão genuína¹⁵. Aqui os situacionistas se distanciam do positivismo e do racionalismo científico do século XIX, pelos quais as tradições marxista e anarquista foram igualmente influenciadas. Um apelo ao primitivo-irracional tem suas raízes muito distantes no passado, até mesmo na tradição do cavalheirismo feudal¹⁶. Os situacionistas, embora em muitos aspectos sejam herdeiros do surrealismo, do dadaísmo e de algumas tendências milenaristas, juntam-se novamente às correntes modernas do pós-marxismo e vão até mais longe em suas análises quase marxianas da alienação na sociedade capitalista-burocrática, que é o aspecto puramente político de suas ideias. Houve, em certa época, em seu pensamento, um encontro e uma justaposição, em vez de uma fusão, entre a crítica da cultura burguesa, da cultura moderna em geral (que eles haviam feito desde sua fundação em 1957) e a teoria política. Ao analisar a escrita situacionista, tem-se a impressão de que um belo dia os militantes se depararam com a dimensão política da contestação. Naquele dia, eles decidiram que "a revolução deve ser reinventada" e adotaram o programa dos conselhos de trabalhadores, esquecendo ou ignorando o fato de que outros, antes deles, haviam criticado os pontos fracos da revolução soviética¹⁷. Ao declarar que a organização revolucionária deve ser formada com base no modelo dos conselhos de trabalhadores e deve ser acompanhada pela crítica da vida cotidiana, os situacionistas não sabiam que estavam retomando os métodos de análise usados pelos anarquistas, especialmente em relação à revolução russa. Esses métodos de análise, transmitidos por Voline, Emma Goldman, Rudolf Rocker e outros, foram posteriormente incorporados à doutrina da ultraesquerda alemã-holandesa, em Gorter, Pannekoek e Otto Ruble. Em particular, a ideia de que a coletivização dos meios de produção leva ao capitalismo de estado foi fortemente defendida pelos líderes da Allgemeine Arbeiter Union-Deutschlands (AAUD) de 1924

¹⁵ R. Vaneigem, *op. cit.*, pp. 268-76.

¹⁶ Veja o que Vaneigem tem a dizer sobre o assunto, *loc. cit.*

¹⁷ R. Navarri: 'Les dadaïstes, les surréalistes et la révolution d'octobre' em *Europe*, 461-2, setembro-outubro, 1967. Os temas do socialismo dos conselhos de trabalhadores já haviam aparecido no início da década de 1960; veja, por exemplo, o nº 6 de *L'international situationniste*, agosto de 1961.

em diante. Foi para não ser engolido pelo Comintern que o movimento se fez sentir por meio do Kommunistische Arbeiter Partei-Deutschlands (KAPD), da AAUD e, mais tarde, da AAUD-E (unitária) na Alemanha. Se, então, o slogan dos conselhos de trabalhadores, tanto entre os situacionistas quanto entre os militantes do Movimento 22 de Março, mostra um grau de influência anarquista, ainda assim é apenas uma influência indireta agindo através da ultraesquerda alemã, através do movimento dos conselhos de trabalhadores, em suma, mediado pelo esquerdismo marxista.

Da mesma forma, o slogan da autogestão, propagado pelos esquerdistas franceses, apesar de seus ecos proudhonianos e bakuninistas, faz parte, como eles o interpretam, da tradição do século XX, uma tradição que é em si mesma ambígua, pois está na fronteira entre o socialismo liberal e o marxismo autoritário¹⁸. Além disso, a intensa propaganda da visão autoritária em favor da autogestão é, por si só, marcada por uma certa ambiguidade. Inconscientemente, os militantes estão cientes disso; eles relutam em fornecer qualquer referência doutrinária e se recusam a explicar se o que querem dizer com autogestão é a criação de grupos autônomos de trabalhadores politicamente conscientes ou uma noção abstrata que teria apenas a virtude negativa de excluir todas as outras soluções, especialmente as leninistas. Esse é um aspecto autêntico do *esquerdismo* que rejeita todas as soluções propostas como ilusórias. Os temas anarquistas ou pseudo-anarquistas são usados como saídas, como álibis, e não como ideologia.

Outro aspecto do esquerdismo antiautoritário que está ainda mais próximo do ponto de encontro do anarquismo e do socialismo marxista é sua imensa confiança na capacidade criativa das massas. Isso dá origem a denúncias dos sindicatos, que são relegados, juntamente com os partidos políticos, às fileiras dos instrumentos reformistas e à demanda de que os trabalhadores devem se organizar em seus locais de trabalho, fora dos sindicatos ou das redes partidárias¹⁹. Os grevistas devem ser levados não apenas a

¹⁸ D. Guérin demonstra claramente que a ideia de autogestão, comum aos anarquistas italianos e ao grupo da *Ordine Nuovo*, não significava o mesmo para ambos os grupos. Essa foi a causa do rompimento entre os anarquistas e Gramsci e seus amigos após as manifestações de 1920. *L'anarchisme*, Paris, Gallimard, 1965, pp. 129-31.

¹⁹ A crítica mais radical ao sindicalismo foi apresentada por Benjamin Peret, que era um surrealista e não um anarquista. Ele insistiu na "destruição" dos sindicatos já em 1952 e seus escritos são bastante conhecidos pelos grupos da Federação Anarquista. Peret, B. e Munis, G., *Les syndicats contre la révolution*, Paris, E. Lohfeld, 1968. O problema é muito mais antigo, já que, desde a fundação da CGT, os anarquistas "puros" se opunham à ideia de que seus companheiros deveriam se unir. A capacidade criativa das massas foi enfatizada por Rosa Luxemburgo e certamente há uma medida de "luxemburguismo" na esquerda francesa. No final de sua vida, ela propôs "a liquidação dos sindicatos" e acreditava que os conselhos de trabalhadores (*Arbeitsräte*) eram os únicos órgãos capazes de estabelecer o socialismo (Congresso da Liga Spartacus, terceira sessão).

criar espontaneamente suas próprias formas de organização e luta (Comitês de Fábrica, comitês de ação, comitês de greve), mas também a superar o obstáculo entorpecente apresentado pelas organizações tradicionais que, de acordo com os esquerdistas, tentam "lucrar" com o movimento de contestação e canalizá-lo para as linhas de reforma. Daí a preocupação comum dos militantes do 22 de março e da Internacional Situacionista de objetivar o processo revolucionário, de fazer com que os grevistas de maio percebam que "eles estão fazendo a revolução"²⁰, mas não "injetando" essa percepção "de fora", como Lenin recomendou, mas revelando-a, como um catalisador, "de dentro". Toda a tática dos grupos antiautoritários e todos os seus esforços para ocupar seu lugar na corrente revolucionária do século XX decorrem dessa necessidade.

COMEÇANDO DO ZERO

Se deixarmos de lado a fase puramente "universitária" do movimento de contestação, a ação dos situacionistas foi realmente muito limitada e principalmente "para registro". Apesar de sua preocupação com a coerência da teoria e da prática, eles não conseguiram superar a desvantagem de seu pequeno número: Esse foi o preço que pagaram por uma concepção muito elitista de sua organização.

Por outro lado, o Movimento de 22 de março estava no centro dos acontecimentos. Suas vitórias no campus de Nanterre e o fervor militante de seus membros fizeram dele o mais ativo e popular dos grupos²¹. Ao contrário dos situacionistas, os militantes do 22 de março inventaram suas táticas, slogans e temas de propaganda à medida que avançavam. Os enraivecidos e os situacionistas tiveram a chance de colocar suas ideias em prática no primeiro Comitê de Ocupação da Sorbonne (14 a 17 de maio de 1968) que, sob sua influência, estabeleceu uma democracia direta total na Sorbonne, principalmente convocando uma assembleia geral dos ocupantes todas as noites e apresentando um relatório exaustivo de suas atividades para aprovação. Em 17 de maio, diante da total indiferença da assembleia, o comitê se demitiu e foi substituído por outro que não fazia consultas diárias, mas, cercado por uma série de comitês "técnicos", era administrado por uma coalizão de grupos autoritários. Os militantes do 22 de março se recusaram a ser integrados em estruturas organizacionais, mesmo que não formais ou

²⁰ Em um "Discurso a todos os trabalhadores", os situacionistas descreveram os eventos atuais como "um movimento revolucionário no qual *faltava apenas a consciência do que já havia sido realizado*"; reproduzido em Vienet, R., *Enragés et situationnistes dans le mouvement des occupations*, Paris, Gallimard, 1968, pp. 282-4 (itálico fornecido pelo presente autor).

²¹ Sobre o papel central desempenhado pelo movimento de 22 de março durante a revolta de maio-junho e sua "identificação com as últimas tendências", consulte Arval, F.: 'Sur le mouvement du 22 mars' in *France-Forum*, 90-91, 10-11 1968.

democráticas. Eles queriam existir apenas como um grupo informal, sempre inventando formas de ação. Permaneceram, portanto, como uma daquelas "minorias agitadoras" de que Sorel falou, cujo objetivo era inspirar o movimento revolucionário sem nenhuma teoria preconcebida. O grupo se reunia apenas para decidir sobre um curso de ação, e somente aqueles a favor dessas ações compareciam. As ações deveriam ser exemplares, ou seja, deveriam ter o caráter de uma escalada política destinada a induzir outros a seguir seu exemplo. A ocupação de um dos prédios administrativos ou a defesa de uma fábrica contra a polícia eram consideradas *exemplares*, pois permitiam que o movimento concluísse uma etapa da batalha contra o Estado capitalista. A ação direta desse tipo foi mais longe do que qualquer outra proposta pelos sindicalistas, pois foi inspirada pelo exemplo da guerra de guerrilha urbana e pelas táticas de provocação sistemática²². A rejeição de toda organização e coordenação com outros grupos surgiu de um apego doutrinário à espontaneidade e suas vantagens; enquanto isso, o ativismo dos militantes, sua propaganda incessante entre os grevistas, foi projetado para criar exatamente essa mesma espontaneidade entre os trabalhadores. Os situacionistas, por sua vez, após o revés da democracia direta na Sorbonne, organizaram-se no Comitê para a Continuação das Ocupações (CMDO) e reviveram a democracia total dentro de seu pequeno comitê. Esse comitê também tentou disseminar a doutrina dos conselhos de trabalhadores verbalmente e por escrito²³.

Logo surgiu a necessidade de algum sistema, alguma coerência, mesmo que apenas em questões táticas. As discussões foram além da estrutura temporária da greve geral - de certa forma, elas ainda continuam. Portanto, devemos nos perguntar quais afiliações e influências esses grupos reconhecem. Esse aspecto subjetivo pode ajudar a revelar o quão eficaz foi o papel que o anarquismo desempenhou em suas ideias e táticas.

Uma primeira análise não é animadora: em seu desejo de romper com todos os sistemas, de estabelecer uma criação pragmática e espontânea, os grupos antiautoritários repudiam todas as origens atribuídas a eles. Os membros da Internacional Situacionista chegam ao ponto de negar que tenham qualquer ideologia, já que toda ideologia é alienante. Eles rejeitam tanto a espontaneidade quanto o anarquismo²⁴. Mas um exame

²² Os argumentos sobre táticas e as tentativas de sistematização entre os militantes de 22 de março podem ser encontrados em *Ce n'est qu'un début-continuons le combat*, Paris, F. Maspero, 1968.

²³ A história do grupo dos *Enragés-Internationale Situationniste* e do CMDO foi escrita por R. Vienet, *op. cit.*, e os panfletos são reimpressos em um apêndice. O conteúdo desses panfletos pode ser comparado com a exposição muito clara das ideias políticas dos situacionistas feita por Mustapha Khayati em "De la misère en milieu étudiant", *op. cit.*

²⁴ Veja, por exemplo, o estranho panfleto de 6 de maio de 1968, no qual os *enragés* zombam dos "anarquistas-à-la-Cohn-Bendit", reproduzido em R. Vienet, *op. cit.*, pp. 260-1. No número 12 do

mais cuidadoso de seus escritos revela referências explícitas a Bakunin (sobre estruturas autoritárias e burocracia); alguns reconhecem que "o anarquismo levou em 1936 (na Espanha) a uma revolução social e a um esboço, o mais avançado de todos, do poder proletário"²⁵.

O que os situacionistas rejeitam na teoria anarquista é o que eles chamam de separação entre teoria e prática; em outras palavras, eles condenam a ideologia anarquista como sendo apenas um ideal e não uma práxis logicamente deduzida. Mas, apesar disso, o anarquismo mantém, a seus olhos, o mérito de "representar a recusa das condições existentes para a vida como um todo"²⁶. Essa declaração confirma a impressão produzida pelo estudo dos temas situacionais: se eles incluem alguns elementos da crítica anarquista, eles também se recusam antecipadamente a se desligar de qualquer teoria ou prática revolucionária em particular. Quanto às formas que a luta revolucionária deve assumir, os situacionistas claramente as tomaram emprestadas da prática revolucionária do século XX: Guy Debord nos diz que os conselhos de trabalhadores são "a forma política, que finalmente foi descoberta, na qual a liberação econômica do trabalho [pode ser] realizada"²⁷. Em outras palavras, os situacionistas querem encontrar suas origens em uma práxis que cria sua própria teoria, enquanto o movimento anarquista é visto como impondo aos trabalhadores uma ideologia que é apenas uma ideologia. Os principais atores do Movimento 22 de Março ilustram ainda mais claramente esse ecletismo ideológico e essa desconfiança em relação à "grande família" do anarquismo. A maioria deles lutou em um momento ou outro nos pequenos grupos anarquistas ou anarquizantes que deixaram a Federação Anarquista Francesa e se libertaram tanto sentimental quanto politicamente de um "dogmatismo" anarquista específico. Esses grupos queriam não tanto renovar o anarquismo, mas renovar a teoria revolucionária: em publicações como *Noir et Rouge*, *Informations Correspondance Ouvrieres*, *Socialisme* ou *Barbarie*, uma reconsideração completa foi feita, começando com as experiências revolucionárias das últimas décadas. Esses periódicos publicaram artigos teóricos e críticos sobre o movimento dos conselhos de trabalhadores na Alemanha, sobre a autogestão na Iugoslávia e, mais tarde, na Argélia, sobre os

L'internationale situationniste, que foi publicado após os "eventos", os situacionistas negaram que fossem "espontaneístas". Ao depositarem suas esperanças revolucionárias nas massas, mas ao se oporem a qualquer vanguarda, eles confiavam, no entanto, no dom "espontâneo" para a organização dos trabalhadores, independentemente do que isso pudesse significar.

²⁵ G. Debord, *La société du spectacle*, p. 75.

²⁶ *Loc. cit.*, p. 72.

²⁷ *Ibidem*, p. 97.

experimentos espanhóis de autogestão etc. Nesse cadinho, o anarquismo foi fundido com outras ideologias e práticas. Os militantes formados nesse meio, entre os quais Daniel Cohn-Bendit é o mais conhecido, haviam rompido seus vínculos com qualquer escola; esse estado de espírito lhes permitiu inovar, embora mantendo elementos da saga revolucionária do passado. Aqueles que participaram dos distúrbios universitários de 1967-68 tinham definitivamente semeado sua aveia selvagem anarquista enquanto adquiriam algum conhecimento da análise sociológica moderna e adotavam novas ideias tiradas de horizontes não anarquistas. Os contatos com os trotskistas, com os estudantes de Berkeley ou da SDS alemã, acrescentaram novos elementos ao antigo sedimento. Por esse meio, eles aprenderam novas formas de tática, como a contestação permanente, a provocação em todos os níveis da vida social para "desmascarar, descobrir o mecanismo real do sistema capitalista..."²⁸. Essa geração admite que deve ao anarquismo apenas a rejeição de todo dogmatismo, do autoritarismo das organizações leninistas²⁹. E se eles retiveram do anarquismo as ideias de se organizarem em pequenos grupos autônomos e de autogestão, também é verdade que foram inspirados pela análise marxista das relações de produção e de classes. Eles aprenderam a lição da revolta de Kronstadt, da ocupação de fábricas na Itália em 1920 e dos confrontos no campus de Berkeley. Daniel Cohn-Bendit afirma, por exemplo, que foi influenciado pela crítica trotskista à sociedade soviética, por Mao Tse-tung na questão da aliança revolucionária com as massas camponesas e por Marcuse quando se trata de demonstrar a natureza repressiva da sociedade moderna ou quando este último proclama que tudo deve ser destruído para que tudo possa ser reconstruído mais tarde³⁰. Portanto, indiferentes a rótulos, os contestadores se descrevem como "marxistas libertários" quando são forçados a responder a esse tipo de pergunta³¹.

AS TÉCNICAS DE CONTESTAÇÃO

Após esse rápido levantamento dos temas e fontes de contestação, pode-se perguntar se os grupos espontaneístas refletem seu tempo, se a prática do conflito social nos últimos anos na França está de acordo com seus postulados ideológicos. Em outras palavras, o curso da luta social foi conduzido de forma anarquista? Desde o início, nos deparamos

²⁸ Entrevista com Wolff, Karl D., presidente da SDS, em *L'homme et la société*, 8, 04-05-06, 1968, p. 134.

²⁹ Entrevista com D. Cohn-Bendit em *Magazine littéraire*, 8, maio de 1968. A principal censura feita aos anarquistas da geração mais velha era que eles haviam se retirado para os domínios da filosofia e do utopismo.

³⁰ *Op. cit.* É notável que Daniel Cohn-Bendit diga que ele também foi influenciado pelo dadaísmo. Como se pode ver, as fontes de inspiração dos contestadores eram as mesmas.

³¹ Cf. por exemplo, D. e Cohn-Bendit, G., *Le gauchisme, remède à la maladie sénile du communisme*, Paris, Seuil, 1968.

com um obstáculo formidável: a falta de informações precisas, de pesquisas e monografias realizadas em condições satisfatórias. Cada greve, cada paralisação de trabalho, cada reivindicação salarial de qualquer tamanho na última década teria de ser objeto de um estudo sociológico cuidadoso. Temos alguns fatos e, se forem tratados com cuidado, eles nos permitem chegar a algumas conclusões que, na verdade, são apenas hipóteses, a serem verificadas no futuro por historiadores e sociólogos que terão à sua disposição uma documentação infinitamente mais rica.

Na maioria dos setores modernos da economia, nas indústrias metalúrgicas, de engenharia e petroquímicas, mas também em bancos, companhias de seguros e agências de publicidade, observa-se em Prance uma mudança gradual nos métodos de conflito social. É notável que, embora essa mudança não tenha começado em maio de 1968, ela também não cessou após o fim das greves em junho de 1968. Parece, de fato, que um movimento, uma tendência, começou por volta de 1966 e se espalhou por alguns anos, sem permitir qualquer conclusão sobre se era um fenômeno efêmero ou estrutural. As principais características do que, por conveniência, pode ser chamado de contestação são a paralisação do trabalho é, na maioria das vezes, decidida por um período ilimitado, acompanhada pela ocupação dos locais; as reivindicações não se referem tanto a questões de categorias de trabalho, mas a questões "qualitativas" mais amplas, como a estrutura hierárquica na empresa, o sistema salarial como um todo, a administração na e da empresa; a decisão de fazer greve (e sua organização) é tomada fora dos sindicatos ou, pelo menos, não surge simplesmente por iniciativa dos delegados sindicais, como no caso da greve "clássica"; às vezes, a greve ocorre mesmo contra a orientação dos sindicatos; a organização da greve não leva em conta a distinção entre sindicalistas e não sindicalistas; Muitas vezes, a democracia direta é introduzida na forma de assembléia geral dos grevistas, decidindo sobre todas as questões importantes, nomeando comissões de trabalho e delegados, sujeitos a convocação, independentemente de pertencerem ou não a um sindicato; as novas formas assumidas pelos conflitos sociais são encontradas com mais frequência em empresas nas quais há uma grande rotatividade de pessoal, onde o autoritarismo gerencial é pronunciado, onde as operações foram aceleradas e onde a Confederação Geral do Trabalho é relativamente fraca (e, de forma correspondente, a Confederação Francesa Democrática do Trabalho é bastante forte). A iniciativa é tomada pelos trabalhadores mais jovens, em alguns casos muito jovens (com menos de vinte anos).

Para ilustrar essas observações gerais, podemos voltar ao período anterior à greve geral de maio-junho de 1968. Essa greve foi precedida, para não dizer preparada, por um movimento de "greves de assédio" que já apresentava todas as características das greves de maio de 1968³² : greves selvagens (não apoiadas pelos sindicatos), envolvendo a ocupação de prédios, o bloqueio do diretor, confrontos com a polícia, às vezes "confraternização" com os estudantes. Há um estudo extremamente conciso, escrito e publicado antes dos eventos de maio de 1968, sobre a fábrica de tecidos sintéticos Rhodiaceta, em Besancon, que foi ocupada por grevistas em 25 de fevereiro de 1967. Todas as condições mencionadas acima estavam presentes lá: em particular, uma maioria da CFDT, trabalho em alta velocidade, uma organização "racionalizada" do trabalho. Além disso, a greve foi declarada devido às condições de trabalho e às relações hierárquicas; as reivindicações salariais eram apenas questões secundárias³³ . O período de ocupação produziu uma atmosfera indiscutivelmente libertária: idas e vindas contínuas de famílias, visitantes, estudantes, discussões apaixonadas nas assembléias gerais e comissões, peças encenadas no chão de fábrica, a criação de uma biblioteca. O movimento se espalhou por osmose para outras fábricas da região. O aumento salarial (3,8%) concedido em 22 de março de 1967 não marcou o fim da luta.

Outras greves ocorreram em 1967-68, que eram muito diferentes das greves tradicionais declaradas pela delegação sindical sob o slogan muito preciso "quantitativo" e por um período limitado. Essas greves, descritas na época como "jacqueries de trabalhadores" (Jean Lacouture), ocorreram em Caen, Mulhouse, Redon e Le Mans. As da área ao redor de Caen foram cuidadosamente estudadas³⁴ . O que foi contestado em primeiro lugar foram as relações dentro da fábrica; o que já era exigido era o controle dos trabalhadores. Aqui, mais uma vez, a greve foi, desde o início, ilimitada no tempo, os locais foram ocupados, o confronto com os gardes-mobiles foi violento. Os participantes eram trabalhadores jovens que trabalhavam em alta velocidade, com uma rotatividade de pessoal muito alta (20 a 25%). Novamente, a CFDT estava firmemente

³² A incidência de greves que anunciavam uma greve geral foi notada por vários observadores, cf. *Les événements de mai-juin 1968 vus à travers cent entreprises*. Centre National d'Information pour la Productivité des Entreprises, n.d. (julho de 1968). Apesar da atitude específica deste estudo, não há razão para duvidar dos dados básicos, especialmente porque eles são corroborados por outras fontes escritas ou verbais.

³³ Burnier, M. A., 'Besancon: occupation d'usine, colère froide' em *L'événement*, 15, 04 1967. De acordo com o autor, esse foi o primeiro caso de ocupação de uma fábrica na França desde 1947.

³⁴ Pérignon, S.: 'Action syndicale et décentralisations industrielles (les grèves de janvier 1968 dans la région caennaise)' em *L'homme et la société*, 9, 07-09 1968.

estabelecida e a CGT era fraca. Uma dessas empresas, a Saviem, em Blainville-sur-Orne, foi a primeira na região, em maio de 1968, a declarar uma greve ilimitada.

Em maio, esse tipo de greve havia se tornado comum. Suas características foram acentuadas em um movimento nacional que incluía quase dez milhões de grevistas. As novas formas de contestação já foram suficientemente descritas e não é necessário insistir aqui. A região em torno de Nantes provavelmente foi a mais longe no caminho da contestação. A fábrica Sud-Aviation, em Bouguenais (um subúrbio de Nantes), foi a primeira a entrar em greve (14 de maio), a ocupar a enorme área cobijada pela fábrica, a trancar a gerência e a montar uma defesa da fábrica. O desenvolvimento da greve na Sud-Aviation é bastante conhecido: os argumentos, os tópicos discutidos, as ações e atitudes dos grevistas são conhecidos por meio de inúmeros documentos e, principalmente, de filmes feitos no local. A experiência do Sud-Aviation se espalhou por toda a cidade de Nantes, a ponto de se poder falar da comuna de Nantes e até mesmo do "Soviete de Reze"³⁵. O que se pode deduzir dessa experiência é que havia um comitê central de greve em nível municipal e que havia vários comitês e gerências locais que cuidavam da vida econômica da cidade. Por mais de quinze dias, a cidade esteve em um estado de quase autogestão. Embora não devamos ter ilusões sobre o caráter libertário do Conselho Geral de Greve, que na realidade era um comitê intersindical que servia como um posto de observação para os vários sindicatos, não deixa de ser verdade que a administração da vida cotidiana foi assumida pelos próprios habitantes. Por outro lado, é muito mais difícil identificar a influência dos anarquistas (influentes dentro do sindicato departamental da CGT-FO, liderado por um anarco-sindicalista da velha escola Alexandre Hebert) e dos esquerdistas no sindicato estudantil (AGEN). Esses últimos, ao que parece, eram bastante próximos dos situacionistas³⁶.

Se presumirmos que houve continuidade com o período anterior a maio de 1968, há indícios que apontam para a persistência de novas formas assumidas pela luta social

³⁵ Veja o notável estudo de Galard, P.: 'Le second pouvoir du mai nantais' em *Politique aujourd'hui*, 8-9, 08-09 1969. Cf. também um documento de valor inestimável: 'Nantes, toute une ville découvre le pouvoir populaire', em *Cahiers de mai*, No. 1, 15/06/1968 (uma série de entrevistas com os grevistas em Nantes durante as ocupações).

³⁶ P. Galard menciona os contatos entre os estudantes em Nantes e os situacionistas em Estrasburgo antes de maio de 1968; durante a greve, um dos situacionistas foi a Nantes e se encontrou com os líderes da Associação de Estudantes. Cf. *Internationale situationniste*, 12 de setembro de 1969.

depois que o movimento pela ocupação dos locais se esgotou. Assim, em algumas empresas, novas instituições que surgiram apenas em maio-junho de 1968 tornaram-se permanentes³⁷. Em muitas fábricas onde esse não era o caso, "a psicologia dos trabalhadores ainda está... marcada pela luta empreendida em 1968"³⁸. Se considerarmos apenas os casos conhecidos e divulgados, devemos mencionar a greve "anti-hierárquica" na Coder, em Marselha, que ocorreu em junho de 1969, na qual a oficina Nox se constituiu como uma assembleia geral e decretou uma greve ilimitada, apesar da oposição pública e muito firme da CGT³⁹. Da mesma forma, as siderúrgicas de La Sollac, em Moselle, foram ocupadas por uma quinzena em março-abril de 1969 e uma greve ilimitada foi declarada em maio de 1969, apesar dos sindicatos. As reivindicações abrangeram todo o sistema salarial⁴⁰.

Em alguns casos, a greve "selvagem", a ocupação, as reivindicações "qualitativas" e, em resumo, a contestação direta do papel gerencial na fábrica ocorreram sem referência a maio de 1968. Surgiram formas ainda mais inovadoras de contestação, como a solidariedade ativa e a força motriz fornecida nas negociações pelas esposas dos grevistas⁴¹.

A onda ininterrupta de greves faz com que nos perguntemos se essa não é uma inovação definitiva nos métodos de conflito social. Somente o futuro poderá mostrar se os sindicatos serão substituídos por novas estruturas, como comitês de fábrica ou um equivalente francês dos shop-stewards britânicos. Deve-se perceber que, nos últimos três anos, sempre que foi possível observar o desenvolvimento de uma greve, notou-se que a estrutura tradicional tendeu a desaparecer: a contestação radical de todos os aspectos do poder dentro da fábrica, as tentativas de auto-organização, até mesmo de autogestão, a crítica ao próprio papel dos sindicatos, o desencadeamento de conflitos em

³⁷ Assim, na CSF de Issy-les-Moulineaux, os comitês de ação funcional continuaram a existir depois que os grevistas voltaram ao trabalho, *Cahiers de mai*, 2, 1-15 de julho de 1968.

³⁸ M. F. e Mouriaux, R.: 'Le mai des prolétaires à Usinor-Dunkerque' em *Politique aujourd'hui*, 2, 02 1970. Três conflitos ocorreram em Usinor-Dunkerque desde 05 de 1968, dois dos quais envolveram a ocupação dos edifícios, *op. cit.*: 'Le mai des prolétaires à Usinor-Dunkerque' em *Politique aujourd'hui*, 2, 02 1970.

³⁹ *Cahiers de mai*, 12, junho de 1969.

⁴⁰ *Ibidem*. Os *Cahiers de mai* são uma fonte inesgotável de informações, todas as greves são mencionadas pelo nome e pesquisas no local foram realizadas entre os grevistas. Embora esse seja um jornal partidário, os fatos relatados nele não parecem sofrer com isso.

⁴¹ Foi o que aconteceu na greve nas minas de Penroya de Largentière (Ardèche) que, em fevereiro de 1970, paralisou totalmente todas as operações de mineração, consulte *Cahiers de mai*, 18, março de 1970. É muito significativo o fato de que os próprios sindicatos tiveram que recorrer a procedimentos (espontaneamente em quase todas as fábricas) como um referendo para decidir o resultado da greve. A mesma coisa aconteceu no caso da recente votação realizada pela CGT em 4 de janeiro de 1970 na EDF (Electricité de France).

setores inteiros, são os sinais distintivos de um modo de ação que pode muito bem ser descrito como libertário.

NEM MARXISMO NEM ANARQUISMO

Sem dúvida, é verdade que, há alguns anos, os temas e as práticas libertárias estão em alta. Mas a pergunta que fiz no início deste artigo não pode ser respondida de forma definitiva. Isso é simplesmente o renascimento do anarquismo ou vai além? Alguns autores tentaram fazer uma síntese elegante falando do *marxismo libertário*⁴². Outros distinguem entre o anarquismo pequeno-burguês, voltado para o passado, que desapareceu no final do século passado e o anarquismo orientado para o futuro que surgiu na França em 1968⁴³. Em minha opinião, isso é tirar uma conclusão muito rápida enquanto ainda estamos muito próximos dos eventos recentes, cujos ecos ainda não desapareceram. Uma coisa é certa, no entanto, a saber, que as ideologias marxistas de inspiração bolchevique (stalinismo, trotskismo, maoísmo) tiveram pouca influência nos recentes conflitos sociais na França⁴⁴. Mas o anarquismo como movimento social não foi capaz de surgir das cinzas; nesse sentido, é preciso concordar com os historiadores recentes do anarquismo que não veem traços de sua sobrevivência, exceto no vasto reino das ideias⁴⁵. No entanto, mesmo que se concorde com essa visão, não se pode negar que alguns temas são perenes. No entanto, também é verdade que a identificação entre a ideologia dos grupos antiautoritários e a ação espontânea das massas anônimas deu origem a um modo de pensar e de agir quase sem precedentes⁴⁶. Assim, a questão permanece: estamos testemunhando na França o último espasmo das velhas práticas que marcariam o fim de uma tradição difusa de revoltas e movimentos sociais "violentos" (a Comuna, as greves de 1919-20, 1936, 1947)⁴⁷. Ou, ao contrário, são elas o prólogo de

⁴² Isso se aplica a D. Guérin. Veja sua entrevista, já citada, em *Le fait public*.

⁴³ Nairn, Tom: 'The Beginning of the End' em *Anarchy* 5, 05 1969. Essa também é, de modo geral, a tese de Edgar Morin, citada por Nairn.

⁴⁴ A falta de impacto que os grupos trotskistas e maoístas tiveram sobre os eventos de maio e junho não foi suficientemente notada. Eles não conseguiram implantar suas ideias (e, mais compreensivelmente, sua organização) nem nas fábricas ocupadas nem nos inúmeros comitês de ação que surgiram no dia seguinte ao 13 de maio de 1968. Mais tarde, aderiram à moda da época, subestimando seus slogans sobre a formação de um partido revolucionário, e recorreram a formas de ação defendidas pelo Movimento 22 de Março. Houve até casos de casamentos não naturais entre o maoísmo e o espontaneísmo (por exemplo, o grupo "Mao-Spontex"). Sobre a falta de impacto dos grupos autoritários, consulte F. Arval, "Sur le mouvement du 22 mars", citado acima, e meu estudo, *Le projet révolutionnaire*, capítulo 2.

⁴⁵ Veja, por exemplo, Horowitz, I. L., *The Anarchists*, Nova York, Dell Publishing Co., 1964, Introdução.

⁴⁶ Como Claude Lefort observou tão justamente sobre a revolta estudantil em Nanterre em 1967-68: ver Morin, C., Lefort, C., Coudray, J. M., *Mai 1968. La Brèche*, Paris, Fayard, 1968, p. 45.

⁴⁷ É preciso lembrar que a filiação aos sindicatos na França não ultrapassa 20% da população ativa. Assim, os sindicalistas não conseguiram canalizar a revolta para a reforma até depois de uma explosão que durou três semanas ou mais. Pois, embora os sindicatos (incluindo a CGT) em períodos de agitação

um novo projeto revolucionário que busca, por meios originais (que misturam elementos antigos e novos), "transformar o mundo" e "mudar a vida"? O único objetivo deste artigo é colocar a questão claramente, ilustrando-a a partir da experiência francesa de contestação generalizada.

social se tornem na França, assim como em outros países, "um fator de restrição" (o termo é de G. Lefranc em "Visages du syndicalisme français" na *Revue de defense nationale*, janeiro de 1969), os sindicatos são muito numerosos e têm pouca influência sobre a maior parte dos trabalhadores para desempenhar um papel regulador, assim como na Grã-Bretanha e nos EUA.